

## **SENTIDOS E APLICAÇÕES DE CURA NO BATUQUE GAÚCHO**

INGRID ADRIELLE DE SOUZA FREITAS SANTANA<sup>1</sup>;  
LOUISE PRADO ALFONSO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – e-mail: [ingridsantana\\_25@hotmail.com](mailto:ingridsantana_25@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [louiseturismo@yahoo.com.br](mailto:louiseturismo@yahoo.com.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho trata-se de um recorte da minha tese de doutorado, na qual trabalho as articulações dos conceitos de saúde/doença para a medicina “oficial”, ou seja, a medicina que se constituiu, no período moderno e que, segundo BACKES et al (2009) “direciona sua atenção para o corpo, a doença, na busca de um estado biológico normal, exigindo, desse modo, alta tecnologia e custos elevados” (p. 113), e de que maneira o Batuque Gaúcho se articula nestas perspectivas deste modelo de saúde considerado “legítimo” e, ainda assim, resiste à hegemonia (sem anulá-la) e exerce (e percebe) as curas, para além do corpo físico e do Orixá Xapanã, especialmente das/para as mulheres.

A título de elucidação, explico que o Batuque Gaúcho se trata de uma Religião/Cultura de Matrizes Africanas, presente no Rio Grande do Sul. Nele, são cultuadas/os 12 Orixás, tanto femininos quanto masculinos. O Orixá Xapanã (também chamado de Omulu e Obaluaê) é associado à cura e à doença e, por esta razão a investigação aprofundada das curas para além deste Orixá, pois, mesmo tendo este título, venho percebendo, ao longo da pesquisa, que nem toda doença e nem toda cura é necessariamente exercida por Ele.

Desta maneira, aqui apresentarei algumas das informações coletadas, com o recorte de algumas das curas/cuidados realizados pelas Orixás femininas do Batuque - a saber: Iansã, Obá, Oxum e Iemanjá. Ainda que tenhamos Otin enquanto Orixá feminina, a própria complexidade d'Ela, de suas atuações e, até mesmo, de sua “existência”, não permitiria que de maneira mais rápida fosse abordada aqui, me focando nas quatro primeiras Orixás femininas citadas acima.

### **2. METODOLOGIA**

Houve, em um primeiro momento, leitura de bibliografias. Devo destacar que, ao realizar breve revisão bibliográfica, inclusive com as palavras-chave antropologia da saúde/doença e antropologia médica, os textos encontrados foram, coincidentemente, de profissionais da saúde tida enquanto “oficial”, como médicas/os, enfermeiras/os, fisioterapeutas e psicólogas/os que se localizam nos departamentos da chamada “Medicina Preventiva e social” e de “saúde pública”.

Também houve o exercício etnográfico realizado com a Mãe Geny de Oyá, com quem obtive maiores informações a respeito das múltiplas atuações das/os Orixás quando falamos de doenças, curas e cuidados.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como mencionado, ao realizar as pesquisas na busca de bibliografias que tocassem meu tema e, mesmo destacando a antropologia, a presença dos fatores

mais “imediatos” da saúde se destacaram num primeiro momento. Conforme Backes et al (2009),

Entretanto, na abordagem contemporânea sobre o adoecer, ainda há o predomínio da dimensão biológica em detrimento das dimensões psíquicas e sociais, provocando uma redução na configuração do campo saúde. (BACKES et al, 2009, pp.114)

A maior parte destes textos, ao abordar outras culturas e o “social”, o fazem focando-se nas sociedades ocidentais, ainda que ao longo da história. Ao abordar outras culturas, não ocidentais, apresenta-se rapidamente uma suposta experiência egípcia (SCLiar, 2007), o “judaísmo” (IDEM), o “feiticeiro tribal”, o “xamã” de “outras culturas” (IBIDEM, 2007) e, conforme o médico especialista em saúde pública Moacyr Scliar (2007), “o Oriente”. Vale ressaltar que esta temática não é recente e que, como SAID (2007) nos informa ao realizar sua crítica sobre o Orientalismo:

O orientalismo nunca está longe daquilo que Danys Hay chamou de ideia da Europa, uma noção coletiva que identifica a “nós” europeus em contraste com todos “aqueles” não-europeus, e de fato pode ser argumentado que o principal componente na cultura europeia é precisamente o que torna essa cultura hegemônica tanto na Europa quanto fora dela: a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos não-europeus. (p.19)

Mesmo na tentativa de aprofundar as diferenças de culturas e “a história do conceito de saúde”, percebe-se a limitação na “tradução” entre o universo médico e o das ciências sociais, bem como, na “tradução” dos conceitos de saúde/doença de distintas culturas e o saber dito enquanto oficial. Ainda que, na bibliografia examinada, haja uma preocupação com o “social”, a prática de saúde, de incentivo à saúde e prevenção de doenças recaí sobre o indivíduo e apenas os conceitos de saúde/doença da medicina moderno-ocidental são promovidos. O social que observei foi muito mais um agrupamento de indivíduos que aguardam as “informações” dos agentes oficiais e que, caso não seguissem as “campanhas” destes agentes, não teriam promoção da saúde. Conforme BACKES et al (2008), “o pensamento científico na Idade Moderna tende à redução, à objetividade e à fragmentação do conhecimento por meio de formas abstratas, demonstráveis e calculáveis. (BACKES et al, 2008, p.113).

Na realização da etnografia, no entanto, percebe-se que, dentre as articulações dos conceitos de saúde/doença, encontramos, tal como nos espectros da medicina “oficial”, diferentes abordagens para saúde no Batuque. Em geral, a cura do corpo físico é mais amplamente associada ao Orixá Xapanã, conhecido por ser o Senhor da Cura. No entanto, nas práticas para além das chagas que Xapanã trata, encontramos a ação de outras/os Orixás. Não de maneira necessariamente dicotômica, como é na medicina “oficial”, que apenas no século XX passa a considerar o mental e mais recentemente inclui (de maneira limitante) um suposto “social”.

No que tange à saúde, os sistemas terapêuticos das religiões afro-brasileiras ilustram, de forma significativa, como espiritualidade e rituais se entrelaçam com os saberes médicos ocidentais, especialmente a biomedicina. Essas práticas não operam apenas como alternativas aos tratamentos convencionais, mas funcionam como formas complementares e, em muitos casos, preferenciais de cuidado, baseadas na crença de que os males físicos estão

frequentemente associados a desequilíbrios espirituais, emocionais e sociais. (BARROSO, 2025, p. 5)

Para o Batuque, cada uma/um das/os doze Orixás, tem seus domínios (contrariando, inclusive, as ideias de que as/os Orixás seriam “forças da Natureza” apenas). Para além de animais, pessoas, pedras, cores, Elas/es também são “donas/os” de distintas partes do corpo humano, distintos serviços que abarcam a saúde, tanto física, quanto psicológica para além do espiritual.

É o exemplo das Orixás Femininas (Iansã/Oyá; Obá; Oxum e Iemanjá). Ainda que, à primeira vista, não sejam diretamente citadas enquanto Senhoras de Cura, cada uma têm em seus domínios, partes constituintes da vida que sanam e protegem não apenas, mas principalmente, as mulheres.

Iansã/Oyá, por exemplo, tem domínio dos aparelhos respiratórios, dos rins, do sangue, da vagina e, com Iemanjá, pode também intervir na cabeça. Iansã foi também a Orixá que, em sua história, dança com Xapanã e transforma as chagas deste em pipocas.

Obá tem em seu domínio o apêndice e as orelhas. Mas, mais que isso, Obá luta e defende as/os injustiçadas/os, aquelas/es marginalizadas/os e oprimidas/os.

Iemanjá tem domínio na fecundidade, na nutrição e nas cabeças, especialmente na mente em si. Por esta razão, o Serviço de Miolos que é para Ela e para Oxalá e que “firma” a cabeça (no sentido de mente), seja em momentos “avoados”, deprimidos, ansiosos e, em casos mais específicos (como o meu), doenças relacionadas ao sistema nervoso, como a esclerose múltipla. Ainda que o TEA não seja doença, as comorbidades que nós enfrentamos (especialmente quando tratamos de mulheres autistas de nível 1 que, conforme FORTALEZA (2023), em geral, são diagnosticadas mais tardiamente e que diferem em absoluto do autismo masculino justamente pelo *masking*), em geral, resultam desse constante receio de sermos descobertas, de “escapar” estereótipias ou crises, o que costuma provocar graves quadros de ansiedade e depressão. E nisso o serviço de Miolos também atua, não no objetivo de curar aquilo que não tem cura (e aqui incluo a Esclerose Múltipla, essa sim, doença), mas na manutenção saudável da vida, em seu aspecto mais amplificado.

Além disso, Iemanjá tem domínio sobre o equilíbrio, este em seu sentido amplo. Ela também adotou o Orixá Xapanã, quando este foi abandonado na beira da praia por Nanã.

Oxum, por sua vez, atua nos ovários, útero e coração. Oxum está fortemente relacionada à fecundidade feminina, ao desejo que algumas de nós possamos ter e, também, na garantia de uma boa gestação. Algumas/alguns interlocutores/as afirmam que Oxum protege as crianças até que estas tenham sete anos. Outras/os interlocutoras/es colocam em consideração se uma mãe como Iemanjá, Iansã e principalmente a Obá (que tem quizila com Oxum) permitiriam que suas/seus filhas/os fossem tuteladas/os por Oxum.

#### 4. CONCLUSÕES

Para o Batuque, o equilíbrio da alma, corpo, mente e o social são partes constituintes do bem-estar de suas/seus adeptas/os. Ainda que, não necessariamente sendo chamado de “cura” (ou de adoecimento), outras/os Orixás, em seus diferentes domínios, trabalham para a plenitude e bem-estar da/o filha/o de Santo.

E, parto da minha própria experiência para afirmar esta amplitude de sentidos de cura. Mesmo que, situações que ainda sequer haviam me sido reveladas pela

medicina oficial, no Terreiro, estas já eram tratadas de maneira sutil. É o caso do meu autismo (descoberto no ano de 2024 pela medicina). Minha Iemanjá sempre acabou por solicitar (fosse nos búzios, fosse em impedimentos pela menstruação ou doenças) que eu fosse para o Chão sozinho. Imaginei que fosse pela minha esclerose múltipla, como revelo em minha dissertação (SANTANA, 2019). No entanto, mesmo sem diagnosticar ou afirmar que eu era autista e, Ela já me estabilizava nesse momento Sagrado, no objetivo de equilíbrio e cuidado. Ela exigia silêncio e descanso, mais que outras/os Orixás que já observei.

Mesmo que não sendo jamais diagnosticada com neurodivergência, já era do conhecimento das/os minhas/meus Orixás minha situação e desafios. E, mesmo não sendo doença, para sobreviver a ansiedade e depressão (comorbidades do meu TEA), as/os Orixás agiam sem ter que expor o nome do que eu sempre tive ou medicalizar minha situação. Quando estava pronta, com um pouco mais de maturidade, foi quando o nome da minha "estranheza" foi dado.

É interessante destacar que, mesmo com as tensões observadas entre a cura do Batuque e as limitações biomédicas que fragmentam e reduzem os significados de saúde (geralmente efetuados, cotidianamente, nas práticas clínicas), BACKES et al (2008) nos afirmam que a Organização Mundial da Saúde define saúde enquanto “um completo bem-estar físico, social e mental e não apenas ausência de doenças”. As autoras demonstram que, para o alcance deste pleno bem-estar, necessitaríamos também de moradia, trabalho, transporte, alimentação, lazer e práticas sustentáveis para preservação e acesso ao meio ambiente, além do pleno acesso a serviços de saúde (BACKES et al, 2008, p.112).

Percebe-se, assim, que o Batuque, considerando as múltiplas frentes de bem-estar das/os filhas/os de Santo se encaminha muito mais para o conceito da OMS que, para inúmeras/os profissionais da saúde, é considerado “amplo demais”, mas que, a nossa forma, já o fazemos no Batuque durante séculos, sem “idealizações” como ALVES et al, 1996, apud ARANTES et al, 2008 critica na amplitude do conceito da OMS, mas pelo simples fato de que, em nossas ontologias, não se fragmenta aquilo que precisa ser visto enquanto totalidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, R. et al. Processo saúde-doença e promoção da saúde: aspectos históricos e conceituais. **Rev. APS**, v.11, n.2, p-189-198, abri/jun, 2008.
- BACKES, M. T. S. et al. Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico. **Rev. Enferm.** UFRJ, Rio de Janeiro, 2009, Jan./mae; 17(1): 111-7
- BARROSO, K. B. O. A antropologia da Saúde e os itinerários terapêuticos: Perspectivas a partir das religiosidades de matriz africana. **Caderno 4 Campos**. PPGA/IFCH/UFPa. Belém/PA, Vol. 09, N.1, jan./jun. 2025. Dossiê “Bioantropologia: diversidade, possibilidades e aplicações dos pressupostos práticos e teóricos de um campo em expansão.
- FORTALEZA, L. Autismo em mulheres: um espectro invisível.** 2023. E-book.
- SAID, Edward.** Introdução. In: **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTANA, Ingrid A.S.F. Codinome Macumba: a Vida na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá e suas Estruturas Sagradas.** Dissertação de mestrado. Pelotas, 2019
- SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(1): 29-41, 2007.